

## História de um achado arqueológico: “ FARO A “

### Um dia de mar...

O dia 8 de Dezembro de 1996, Domingo ameno e soalheiro, típico de um Inverno Algarvio, apresentava-se ideal para a realização de actividades náuticas. A manhã foi preenchida com vela ligeira, com saída da doca de Faro , num passeio até à ilha do Farol, aproveitando o suave sudoeste que se fazia sentir.

Cerca das 13h ,no regresso ao clube naval de Faro, encontrei o meu amigo Miguel Galvão, grande entusiasta das actividades náuticas e subaquáticas, e de imediato combinámos a realização de um mergulho para essa tarde ,dada a continuação do tempo aprazível .Às 15h carregámos o material de mergulho no barco do Miguel, o “abacaxi”, lancha de 5 m com motor de apreciável potência e capaz de excelentes *performances*. O objectivo era deslocarmo-nos a um local não muito distante pois o sol escondia-se por volta das 18:30 h . Desta forma decidimos investigar um ponto cujas coordenadas eu tinha recentemente obtido, correspondente a um recife rochoso, situado em frente à ilha de Faro, onde nunca tínhamos mergulhado. Este local tinha a vantagem de ficar próximo de uma ligação natural da Ria Formosa com o mar ,a barra de S. Luís, vulgarmente denominada de “barrinha de Faro”. Esta barra natural delimitava a Sotavento da Ilha de Faro e situava-se perto do cabo de Sta. Maria . Na altura a que se referem os acontecimentos estava muito estreita, muito assoreada , de modo que a sua passagem protagonizava sempre momentos de alguma tensão, com as embarcações a terem de manobrar em fortes correntes e a realizarem grandes saltos durante a saída, normalmente enfrentando a ondulação que entrava de sul , e a *surfarem* na crista das ondas durante a entrada. Acabaria por fechar 3 anos depois devido à abertura de uma barra artificial na duna barreira da Praia de Faro, a cerca de 4 milhas para barlavento da referida “barrinha”.

### O mergulho

A saída para o mar fez-se de uma forma calma pela Barra do Farol, pois a maré vazia não permitia a passagem através da “barrinha de Faro” .Virámos a barlavento, num rumo paralelo à costa ,e voámos no “abacaxi”, a 25 nós ,durante perto de 20 minutos, sobre uma ondulação de sudoeste com pouco mais de 0.5 m . Ao chegarmos ao ponto de destino, previamente introduzido no GPS (*Global Position System*) , como não tínhamos sonda , para nos certificarmos do tipo de fundo tivemos de utilizar o velho método de lançar o ferro e “senti-lo ferrar”. No nosso caso, era de extrema importância a embarcação ficar solidamente fundeada visto que ninguém ficaria no barco .

O vento subia de intensidade, a ondulação crescia, a tarde avançava, não havia tempo a perder. A cor esverdeada da água não era promissora de grande mergulho. A descida foi feita pelo cabo da âncora, vencendo a corrente e a escuridão. O fundo, a 19 m, apresentava-se inóspito, com uma única saliência : uma pequena pedra com menos de 1 m de diâmetro e 30 cm de altura onde o ferro tinha prendido. A visibilidade não ultrapassava os 3 m; a partir desta distância observava-se uma penumbra, para onde nos encaminhávamos na esperança de avistarmos um recife rochoso, mas ,com a aproximação, a sombra fugia de nós , guiando-nos indefinidamente para o vazio. Assim navegámos alguns metros para Norte, quase perpendicularmente à linha costeira, resolvendo depois virar para leste, paralelamente à costa. O desinteresse da imersão era total. Avançávamos num fundo arenoso, sem fauna nem flora, facto que não me oferecia qualquer oportunidade fotográfica , o meu objectivo maior para qualquer mergulho. Limitava-me a carregar a minha Nikonos V ( máquina fotográfica

subaquática) , sem realizar qualquer “disparo”. Tudo demasiado frustrante para ser verdade. Após cerca de 20 minutos de mergulho invertemos o percurso, seguindo agora para Oeste, sentido que nos reconduzia ao ponto de partida. Com uma potente lanterna apontada para a frente, abria o caminho de regresso por entre uma água cada vez mais escura, reveladora de um rápido entardecer. Não havia muito tempo a perder se queríamos subir e encontrar a nossa embarcação. Repentinamente , recebi o reflexo de dezenas de pequenas manchas que brilhavam a poucos metros de distância. Tratava-se de um cardume que evoluía pouco acima do fundo, fenómeno normalmente associado a um recife rochoso. De facto demos de caras com um volumoso maciço que se elevava a cerca de 1 m do fundo de areia. Pensei que “mais valia tarde do que nunca” e que nos 5 minutos que o computador de mergulho me concedia antes de atingir o tempo de descompressão ainda teria tempo de fazer algumas fotos.

### **Descoberta inesperada**

Comecei a explorar a zona leste do referido recife, enquanto que o Miguel o ultrapassou e explorou o lado oeste. O local concentrava muita vida marinha, estava revestido de algas e invertebrados, mas o que me chamou realmente a atenção foi a forma peculiar de algumas “rochas”, que tinham um aspecto tubular, com comprimentos de alguns metros e se apresentavam cruzadas umas sobre as outras. Era óbvio que aquelas formas não eram naturais e estava em presença de destroços de uma construção humana. Enquanto registava fotograficamente estes objectos fui agarrado e arrastado pelo Miguel até ao lado oposto do “recife” onde fui largado em cima de 2 objectos compridos que assentavam no fundo de areia. Compreendi rapidamente que estava na presença de 2 canhões. A minha incredibilidade e excitação não tinham limites. O mesmo aconteceu certamente ao meu companheiro quando os viu pela primeira vez. Nos pouquíssimos minutos que me restavam tentei concentrar-me e tirar fotos àqueles canhões , e depois a mais canhões que iam aparecendo por todos os lados. Foi um verdadeiro suplício quando ouvi o sinal sonoro do meu computador de mergulho avisando-me que deveria subir. Olhei para o manómetro do ar e verifiquei que tinha 50 bar. A tentação de ultrapassar o tempo de não descompressão (intervalo de tempo dentro do qual não é necessário nem obrigatório proceder a qualquer patamar de descompressão, embora seja sempre aconselhável realizar um patamar de segurança durante 3 minutos a 3 metros de profundidade) foi enorme, qualquer minuto a mais era fundamental para explorar e fotografar o naufrágio que tinha diante de mim. Quando a subida se tornou inevitável, comuniquei ao Miguel a necessidade imperiosa de tentarmos marcar o local durante a subida visto que não sabíamos exactamente onde estávamos relativamente ao barco de apoio .Estando o naufrágio coberto com redes e cabos perdidos, aproveitámos alguns para nos servirem de guia de subida, de modo a mantermo-nos fisicamente ligados à estrutura .Infelizmente, os cabos terminaram a 5 metros da superfície. Nessa altura fazia-se sentir uma corrente forte, de forma que me senti completamente desesperado com a ideia de ter de me soltar dos cabos e me afastar irremediavelmente da nossa descoberta, imaginando já o pesadelo de uma busca incessante e infrutífera. Para contornar a situação decidimos gestualmente que o Miguel devia subir à superfície, nadar até ao “abacaxi”( onde é que ele estaria?), subir, levantar ferro , deslocar-se até mim, que hipoteticamente estaria sobre a posição do naufrágio, e marcar a posição no GPS. Teoricamente era perfeito, na prática afigurava-se-me tarefa quase impossível. Eu pouco mais tinha do que 10 bar de pressão de ar na garrafa de mergulho, estava preso a 5 m de profundidade, tentando esticar-me até à superfície de forma a manter-me ligado ao naufrágio recém descoberto, através um “cordão umbilical” constituído por velhos cabos emendados. O Miguel, por sua vez, tinha de

chegar ao barco, já ao lusco-fusco, vencendo a distância e a corrente, depois subir o ferro , ligar o motor e encontrar-me no mar revolto. Uma sequência de acções dependentes da capacidade individual mas também da indispensável sorte. No que me dizia respeito, aguentei , aguentei, interminavelmente ,agarrado ao cabo, na esperança que o pouco ar que me restava fosse suficiente para permitir ao Miguel cumprir o seu plano. Passaram provavelmente 5 , 6 minutos , que pareceram horas, até que ,cansado , gelado , sem ar, tive de me soltar . Foi um momento angustiante, o ter de dizer adeus a um naufrágio a sério, “que tinha canhões e tudo ...”; era o abandonar de uma efémera aventura. Assim que me larguei fui imediatamente arrastado para sudoeste pela forte corrente. Só tinha uma possibilidade para não me perder no mar aberto: ficar a “dar à barbatana” nadando de costas para a corrente, contrariando-a com todas as forças que me restavam, tentando manter-me sobre a posição da descoberta. Num relance, verifiquei que o Miguel já estava no barco, a cerca de 40 m para Sul , provavelmente a puxar o ferro. Pouco tempo depois já o “abacaxi” se encontrava perto de mim e de imediato se procedeu à marcação GPS do local onde me encontrava, não necessariamente do local do naufrágio. O regresso foi inebriante. Tínhamos tudo a favor, ondas, vento, estado de espírito, tudo contribuía para estarmos verdadeiramente eufóricos. A entrada fez-se pela “barrinha“, sobre as ondas, a alta velocidade. Continuámos “a todo o gás”, com o Miguel a manobrar com enorme destreza através dos canais secundários da Ria Formosa até à doca de Faro. Era o final de um dia pleno de emoção, verdadeiramente memorável .

Estávamos no início de uma aventura e não queríamos perdê-la por nada deste mundo.

## **O 1º reconhecimento**

O regresso ao local foi feito alguns dias depois, quando o estado do mar o permitiu. Estávamos desta vez acompanhados pelo nosso amigo José António Cavaco, arquitecto paisagista, habitual companheiro de mergulho. Desde que fizéramos a descoberta que os nossos pensamentos nela se concentravam a tempo inteiro. Nunca duvidámos que voltaríamos a ver o achado, no entanto havia alguma preocupação com a duração da operação.

Dirigimo-nos à zona onde fizéramos o registo de GPS. A sonda não acusava qualquer relevo proeminente, mostrando um fundo plano, a 20 m ,com ligeiras perturbações ,atribuídas à fraca ondulação e a algumas pequenas rochas. Fundeámos e mergulhámos. A visibilidade era má, com água castanha, turva, cheia de suspensão. Os primeiros reconhecimentos consistiram em sucessivas passagens paralelas pelo fundo e não geraram qualquer resultado positivo. Pairava entre nós alguma apreensão mas igualmente uma grande fé. O mais difícil já eu e o Miguel tínhamos feito uns dias antes. Agora seria uma questão de insistência, método de pesquisa, e porque não, mais um pouco de sorte. Mudámos de local de busca, desviando-nos mais para sul, e ,na primeira descida, eis que surge a desejada silhueta, negra e misteriosa, à espera do nosso regresso ,à espera de um reencontro de centenas de anos.

Cada mergulhador iniciou os seus trabalhos livremente, de acordo com a sua vontade e inspiração. Eu preocupei-me com o registo fotográfico. Devido à má visibilidade não se podia ter uma noção do conjunto, muito menos fotografar o naufrágio completo. Dediquei-me a tentar percebê-lo e a fotografar as partes mais relevantes, como os canhões e as estruturas concrecionadas. Por seu lado o Miguel vagueava pelos destroços, observando e recolhendo dados. O Zé Tó circundava atentamente a mancha central, desenhando numa prancha de vinil .Não nos víamos uns aos outros, raras vezes nos cruzámos. Já à superfície, acomodados no barco de apoio, comentámos vivamente tudo aquilo que observáramos. Na prancheta de desenho do Zé Tó estava um notável

esboço do naufrágio onde se podia ver a sua forma geral, a colocação dos canhões sobre e em redor da estrutura, completado com medidas obtidas a partir da contagem do número de relevos regulares produzidos pela corrente e ondulação no fundo de areia (*ripple marks*). Desta forma foi possível obtermos uma imagem já bastante correcta do conjunto. O trabalho do Zé Tó foi completado pelas observações e aditamentos feitos pelo resto da equipa.

Estávamos, na verdade, longe do lugar comum idealizado para um naufrágio, onde este é recriado como um barco quase intacto, assente no fundo, ligeiramente adornado para um dos bordos, com a artilharia a postos, mantendo incrivelmente os mastros de pé e mostrando na luxuosa cabine do comandante um pequeno baú aberto repleto de jóias reluzentes. O que estava na nossa presença era bem diferente, um verdadeiro *puzzle* de dimensão desconhecida, no qual não imaginávamos sequer onde deveríamos colocar a primeira peça. Sabíamos, no entanto, que valia a pena continuar, e que, rodeados pelas pessoas certas, teríamos certamente momentos muito estimulantes e de enorme gozo.

### **Erro de *datum***

Como é que ao mergulharmos naquele local descobríamos um naufrágio? Tratava-se de um ponto de GPS que correspondia a um recife rochoso conhecido, regularmente frequentado por outros mergulhadores que aí nunca tinham visto nada de invulgar. Por outro lado, o fundo que tínhamos explorado não correspondia minimamente ao que nos fora previamente descrito, pois em vez de um recife rochoso pleno de vida, encontráramos apenas algumas rochas pequenas dispersas num fundo arenoso. Algo não batia certo...

Numa das imersões que realizámos posteriormente no local, observámos a chegada de uma embarcação com mergulhadores que fundeou a cerca de 200 m a Norte da nossa posição. Sem se aperceberem da nossa descoberta, realizaram descontraidamente o seu mergulho recreativo na zona correcta da rocha alta. Intrigados com este facto, resolvemos abrir a carta marítima da costa do Sotavento Algarvio. Analisámo-la e desde logo verificámos que estava referenciada ao *datum* Lisboa, enquanto que o GPS que tínhamos utilizado estava referenciado ao *datum* WGS84. A própria carta referia a correcção de coordenadas necessária para uma mudança de *datum*. O ponto que utilizáramos, obtido da carta náutica em *datum* Lisboa, tinha sido introduzido num GPS em *datum* WGS 84, sem qualquer correcção, o que nos levou a outro ponto que não o recife rochoso pretendido, situado na realidade mais para Norte.

É um facto recorrente da história que grandes descobertas são realizadas por acaso, consequência de experiências mal orientadas, trabalhos fracassados ou puros enganos.

O naufrágio que descobrimos resultou, talvez, da nossa paixão pelo mergulho num bonito dia de Inverno...

José Augusto Silva